

## **Sinopses**

### **Dia 5 - As marcas coloniais na cidade e no corpo**

#### **Isabel Castro Henriques - Percursos históricos dos Africanos em Lisboa (séculos XV-XX)**

A longa história da presença de Africanos em Lisboa, que se iniciou de forma demograficamente significativa a partir da segunda metade do século XV, marcada pela sua situação de escravos, deixou marcas visíveis e invisíveis no património português. Legados que a história e a memória permitem hoje resgatar para compreender o seu processo de integração, as suas estratégias de vida e de preservação cultural, mas também a secular sedimentação de um preconceito português anti-negro, anti-africano, alicerçado no binómio físico (o Preto) e social (o Escravo), que definiu as relações luso-africanas e desenvolveu práticas discriminatórias que ainda hoje é urgente reconhecer, denunciar, eliminar.

#### **Mamadou Ba - A geografia racial estrutura a relação entre estar na cidade e ser da cidade**

A relação presença-ocupação do território por pessoas racializadas está profundamente marcada por fronteiras simbólicas e físicas que determinam o grau de pertença, o reconhecimento, o usufruto e a (auto)identificação ou não com o tecido urbano, nas suas múltiplas funcionalidades. A “linha da cor” estrutura a forma como determinados corpos habitam determinados espaços. Porque, as geografias urbanas são um complexo político a partir do qual se organiza a relação com o território, definindo quem pode ou não pertencer ao tecido coletivo e que lugar nele ocupa. As dinâmicas raciais refletem-se muito na forma como os sujeitos políticos racializados percebem a cidade e como são percebidos dentro da cidade. A periferização de espaços e corpos torna-se assim um dispositivo de planeamento e governo da cidade que resulta na falta de fluidez e continuidade urbanas, acabando assim por relegar às pessoas racializadas para lugares subalternos, em função e/ou consequência da sua localização geográfica no território. Desta forma, a presença de sujeitos políticos racializados no território oscila entre estar na cidade e ser da cidade. Mas, mesmo quando os sujeitos racializados se percebem como sendo da cidade, confrontam-se sempre com a ordem racial que não lhes reconhece esta pertença.

#### **António Brito Guterres - A forma (pós)colonial da Metrópole**

Inequivocamente, Lisboa é um espaço de memórias coloniais. Apesar dessas marcas terem pedra e sítio, essa efectividade também é quotidiana, transversal e invariável na

organização do espaço, forma e funções da Área Metropolitana de Lisboa. Determinados lugares foram reservados para determinados intervenientes, subjugando-os a determinadas práticas, subalternidades e resistências.

### **Dia 6 - Inscrição de uma AfroLisboa**

#### **Nádia Yracema - Artista mo(nu)mento**

Contar para além do monumento, disputando a narrativa por ele imposta. Utilizando o corpo, inscrevemo-nos no espaço criando uma imagem, paisagem, instalação. O corpo torna-se um momento, monumento vivo que invoca vozes de um passado silenciado obrigando-nos a um pensar crítico sobre o presente, provocando a vontade de um outro futuro.

#### **Kalaf Epalanga - A importância de se criar um museu da Kizomba**

Durante os loucos anos 80, deu-se aquela que é a mais abrangente das manifestações culturais de origem africana que ocupam o espaço de Lisboa. A Kizomba! Ela carrega uma profundidade emocional e uma envolvimento libidinosa, transcendendo e desafiando a lógica do espaço e a intimidade que cada indivíduo se permite experienciar em público. Temo-la como alimento e respiramo-la em todos os desdobramentos de sotaques que a língua portuguesa consegue agraciar. Hoje já ninguém se impressiona mas sempre que passa na rua uma viatura a tocar Kizomba aos altos berros, se olharmos quem vai ao volante, 99% das vezes, é um caucasiano. A cidade está a descobrir-se através da música. É com ela que os corpos negros deixaram de ser invisíveis. A identidade passou a ser sinónimo de sobrevivência e a Kizomba a sua banda sonora secreta.

#### **José Baessa de Pina (Sinho) - Construir comunidade nos subúrbios de Lisboa**

As comunidades foram fomentando-se pela falta de apoio e abandono do Estado. Num posicionamento em desacordo com a política de "bairros sociais", que arrancam as pessoas de lugares onde já têm comunidade, vai-se falar de políticas públicas afirmativas nos bairros sociais já existentes. Defende-se uma maior aproximação do poder local (junta de freguesia) com as associações, a comissão de moradores e grupos informais, apostando nos agentes da mudança das comunidades. Problematiza-se o realojamento, a inserção e integração na sociedade, como reabilitar os bairros auto-construídos, combater a guetização e a sua segregação.

## **Dia 7 - Estratégias para descolonizar a cidade**

### **Miguel Vale de Almeida - Como abanar estátuas? Os debates sobre Descolonizar a cidade**

As posições antagónicas, criadas pelo debate em torno dos objetos e símbolos de "memória" e "História" (sobretudo colonial) no espaço público, levarão certamente à necessidade de formas de intervenção que permitam ultrapassar as meras posições de princípio, as charneiras discursivas, e passar à ação e experimentação. Sendo os contributos dos historiadores fundamentais, que contributo pode dar a experiência das práticas e reflexões antropológicas? Propõe-se um *brainstorming* de propostas sobre maneiras de *contextualizar, hibridizar, interpelar, colaborar e performar* sobre e em torno desses símbolos, incluindo a *diversificação* do que se entende serem esses símbolos, para lá dos objetos estatuários ou monumentais.

### **Maria Paula Meneses - Lisboa: histórias ocultas e linhas contínuas**

Silenciar e esquecer são verbos que cruelmente revelam como se constrói a história. As ruas e casas de Lisboa falam-nos ainda em surdina de uma riqueza de trajetórias vividas aqui por africanos e africanas. Reconhecer estas histórias é condição para a democratização da sociedade portuguesa.

### **Noa K. Ha - O desafio da memória pós-colonial. Legados de colonialidade na cidade**

Quando a desmemorialização e a memorialização colidem, surgem fendas, contradições e conflitos que nos fazem tomar consciência de que não vivenciamos a mesma história nem a recordamos juntos. Na Europa pós-colonial, as fendas causadas pelos legados coloniais tornam-se cada vez mais evidentes à medida que a disputa pela igualdade tem assumido nova dimensão pós-colonial, abalando a história da Europa e dos seus monumentos. Para que seja possível memorializar esta história, é necessário levar a memorialização pós-colonial como um desafio.